

de seus preceitos, seguem-n'os sem discrepancia.

Assim, pois, se a *moral* e o *direito* se ligam em certos pontos, se caminham *pari-passu*, como duas linhas paralelas traçadas no mesmo plano, ha um ponto todavia em que, sem tomarem direcções oppostas, sem se repellirem, destacam-se pela maior extensão, pelo fim mais nobre da *moral*. Se o *direito* quer o bem pela utilidade social que d'elle resulta, a *moral* quer o bem só e unicamente pelo proprio bem: aquelle tem uma esphera limitada e circumscreta as necessidades sociaes; esta tem um objecto mais amplo, qual é o fim ultimo, o destino final e divino do homem.

Finalmente a *moral* tem necessidade do *direito*; sem este aquella seria uma legislacão somente propria para uma sociedade de anjos. O *direito* tambem por seu turno, tem necessidade da *moral*: a sociedade que se regesse sem o influxo suavisador e beneficio da *moral* parecer-se-hia com uma sociedade de egoistas, o que seria de certo uma cousa insuportavel.

Recife 5 de Julho de 1858.

H. DO REGO BARROS.

CONTO PHANTASTICO DE PERNAMBUCO.

I

A Feiticeira da Serra-Negra.

Quieta corria uma noite de março do anno de 1830. A lua cheia allumiava as campinas do Limoeiro; os pinçaros esguios das cordilheiras projectavam as sombras alongadas lá pelo fundo dos valles; a aragem emmudecera o soído na vasta extenção das quebradas; as estrellas sós moviam-se na amplidão de um céo azul. Era muito tarde: porque as aves agoureiras esvoaçavam pelo esmalte do céo estrellado gransnando descompassadas e tristes como má nova; e os galos cantavam os primeiros preludios annunciadores de que se avinhava amanhan, nas choupanas que alastravam ao longe o sopé da Serra-Negra.

Esta, no meio das numerosas serras que por alli haviam, erguia altiva, descomunal, e enorme, a sua fronte calvejada dos temporaes, os flancos de pedra ennegrecidos dos tempos, affrontando na sua altura immensa ás nuvens, as estrellas, e o primeiro mobil dos astronoms modernos. No mais alto da serra avultava um penasco de colossal grandeza, como um pharol, alvo, candido, sacudindo das alturas uma linha recta até ao firmamento, e indicando aos olhos dos homens n'aquelle effigie soberana, immobil, eterna, que aos destinos máos presi-

de a consciencia, e aos dos bons a providencia. Formado pelos chuveiros do céo, ao pé do phantasma de pedra, jazia uma lagôa lodosa, tambem immovel, porque ás brisas saltava o poder de enrugar a face pesada das aguas estagnadas.

Era a deshoras, e nem o mais leve sopro de vento sussurrava na folhagem das mattas, nem nos espaços da terra e do céo. Instantes depois uma sombra desenhou-se ao pé da alagôa, e com vagar e precaucao se foi arrimando a agulha de pedra até quasi a sua sumidade. Lá a sombra sacudio as vestes alvissimas, longas, ondulosas: e abrindo os braços nos espaços d'aquellas alturas pareceu por minutos o genio de Pernambuco dominando-o, e providencialmente lhe indicando o trilho futuro de novas glorias. O genio bellicoso da provincia, não era: o genio industrial e febril, menos; o genio litterario, não parecia; o que pois seria aquelle ente phantastico, mysterioso, providencial, mirando no ermo d'aquellas serras, á claridade da lua, á immobilidade solemne da noite?

Era a feiticeira da Serra-Negra.

II

A feiticeira depois de silenciosamente consultar o movimento dos astros por aquellas solidões esplendentes e magnificas, desceu das alturas e se veio assentar triste e meditabunda no pedaço de rochedo que subia ao lume das aguas da lagôa. Lá cahiu-lhe aos pés o espesso manto de cassa que assombrava-lhe o semblante, e ao prateado do luar ficou-lhe a mostra o rosto cadaveroso, desinhado, livido, como definido a dias. Os braços ossudos da feiticeira eram magros, compridos; e os cabellos raros, estirados e alvissimos, rivalisavam com o christal luzente do astro nocturno. O espasso contemplativo d'aquelle ente mysterioso, cessou logo que outro vulto galgada a serra avinhou-se das aguas da lagôa e do pedestal negro onde repousava a velha mulher. Esta prestes envolveu-se nas roupagens, e logo restou immobil, informe, phantastico, como sombra.

E o vulto que chegara depois, caminhava, caminhava, mudo, automatico, tambem envolto em longas vestes, em direcção ao pedestal de granito, onde faria immovel a velha feiticeira.

Lá, abriram-se-lhe os labios, e com temor e receio, disse: Vim: abri-me as portas do futuro; prometteste-me; cumprireis a promessa,

A velha com gesto soberano encarou a recem-vinda e a mandou ajoelhar. Esta obedeceu, emquanto a feiticeira atirando-lhe por sobre o rosto o envoltorio de cassa envolveu-a toda, como em noite negra. Largo tempo demorou-se a envolvida n'aquelle posição: de-

pois, quando a feiticeira lhe desvendou o semblante tinha-o banhado em pranto.

A feiticeira interrogou a moça e ella respondeu: « Vi tres epochas dolorosas passarem por esta grande terra como um sopro pestifero do deserto: os areiaes do Sahaara não esterelisam mais; a dôr não abate tanto; a tristeza, a miseria, a degradação, não caminham mais rápidas, do que esse meteóro fatal de desditas humanas. »

— E é assim, filha, disse a velha da Serra-Negra, enquanto duas lagrimas solitarias, unicas talvez, lhes desciam morosas pelos sulcos dos annos estampados nas faces amarentas. E é assim, ainda disse, meneando a fronte a feiticeira, porque esse facto nos destinos dos povos é tudo isso! Que symbolo te assigualou esses acontecimentos?

— Os batalhões que, respondeu a moça, saltavam em nossas plagas, internavam-se por toda a parte, e combatiam com os naturaes: era tudo sangue, ensopando as campinas de flores; tudo cadaveres, alastrando a verdura dos outeiros; tudo crepe, embalando no topo das mattas virgens.

— E as datas, inquierio a feiticeira?

— Os annos de 1817, 1824, 1832, 1848, respondeu a moça.

— Mas, perguntou a velha, sabes o nome desses cataclismas sociaes?

— Não: respondeu a moça.

— Chamam-se re...vo...lu...ções. A moça e a velha ficaram por espaços silenciosas: depois repetio-se a operação anterior: isto é, os véos separou a consultante do resto do universo, ajoelhou-se como d'antes, interrou a fronte entre os joelhos da velha, enquanto esta esconjurava o futuro. Quando a moça ergueu-se, os olhos chispavam-lhe lume, as faces accendera-se em carmim, e os labios fallaram assim: — Causa indignação! as fitas, recompensa dos homens prestimosos, baratearam-se a quanto miseravel e ncorreu a ensanguentar o solo de sua terra com auxilio estranho; mandam-nos governar quanto estrangeiro ha; os empregos publicos dão-se a quantos nem prestam por vis, nem interesse tem pelo porvir desta terra; a corrupção dos governadores conpuscou, penetrou, aviltou tambem a dignidade dos governados; o povo só consersa as saudades aos grandes feitos, gome, soluça e espera no dia da redempção, em que o trigo se-rá separado do joio. »

— E até lá, resmungou a feiticeira, prepare-se ao povo como convém, como deve ser, ilustrando-o, esclarecendo-o, mas preparando o azorrague para expellir os vendedores estrangeiros do templo, que senão....

— Senão!.... aventureu-se a moça a perguntar. Por unica resposta a velha tomou-lhe o rosto entre as mãos, envolveu-a pela terceira

vez, fez-la ajoelhar, e invocou de novo o futuro. Via-se que a espaços o monte de alvissimas roupagens em que se occultara a moça estremecia, como se o impeto do vento por alli passasse. Mas o vento não era, porque a lua ia mysteriosa pelos espaços do céo; as estrelas scentilavam apenas com o avisinhar da manhan; e a brisa matutina fresca e fragrante nem força tinha para mover a debil folhagem dos cipós. O que seria então? Percebia-se que a moça soluçava, e pouco e pouco molhava as vestes nas aguas da lagôs, descendo manso, pausada, solemne ao fundo do precepicio.

A velha feiticeira immovel nem signal dava de si. Por aquellas solidões parecia que o sopro da morte gelara tudo, se após longo silencio a velha erguida de impeto não se destocara, e atirando o mirrado braço para o sul não rompesse em grito rouco, cavernoso e solemne.

Mas as palavras ninguem ouvio-a só, porque o vento assoprou rijo, e os echos se perderam nas cordilheiras do norte. Depois a velha costeando a lagôa galgou de novo a agulha de pedra que dominava a serra, e lá, como a meia noite, estendeu os braços, sacudio as roupagens alvadias, indulosas, amplas, na extenção do espaço, e a face do céo azul.

Que pensamentos se atropelavam na mente daquelle ente phantastico e mysterioso, dominando no ermo o solo desta terra, lendo no futuro os acontecimentos, prevendo, sentida, magoada, ou alegre, contente, os successos de nossa historia, ninguem os soube, nem os saberá. A agulha de pedra immovel até hoje, ouvia as vozes das procellas sem demover-se, e não podia guardar a imprecação dolorosa de um ente que nem saber-se podia ao menos, se era a providencia, se a consciencia, ou se os vapores condemsados da noite de um luar dos tropicos.

III

Nas extremidades longinguas do oriente rompia á alleluia festiva e diurna das nossas terras; os ventos da manhan sibilavam pelas fendas da Serra-Negra; apagavam-se no firmamento as alampadas nocturnas; e a velha feiticeira muda, queda, phantastica, como a meia noite, estendidos os braços no espaço, com as roupagens soltas e ondulosas, ferida dos raios do sol, é que se foi cosendo com a agulha de granito, e estreitando-se, apagando-se de ponto, que aos navegantes serve de rumo quando demandam as aguas de nosso porto.

Entretanto pelas noites de luar os habitantes do Limoeiro veem a sombra da velha feiticeira refolgando, a brisa nocturna e presidindo, como hoje, os destinos desta terra, sonhando-lhe as grandezas, a opulencia, as glorias, porque

todo o navio que chama aquelle vulto é novo elemento as glorias do meu paiz.

Dorme, ó velha feiticeira da Serra-Negra, o teu somno gelido, immutavel, eterno ; mas, com teu vulto gigante como a fama e a tua voz que rebôa pelo espaço, leva longe, bem longe, o nome glorioso dos Pernambucanos.

— 30 de março.

M. P. DE MORAES PINHEIRO.

—
JULIA
OU
O AMOR NA VIDA.

ROMANCE ORIGINAL.

(Continuação.)

II

Os dous moços que, ha pouco, accudiam compassivos a voz de *socorro*, poucos instantes depois subiam pressurosamente e tomados de cansaço as escadas d'essa casa d'onde haviam partido os gritos.

Galgando os primeiros degráus tropeçaram em um corpo sonoro e estremeceram : era um punhal humido de sangue ! Continuaram não obstante, a subir ligeiramente. Maior pasmo !

Que lugubre e doloroso quadro se offerecia a seus olhos !

No interior d'essa casa reinava desordem, tudo era sangue. Alguns moveis estavam quebrados e lançados por terra, as paredes manchadas de sangue, e dous cadaveres estendidos no pavimento, banhados no proprio sangue corrido com abundancia das largas feridas, por onde lhes escaparam as almas ! — Scena de horror e compaixão ! ...

Alvaro estava pallido, commovido e com o olhar vacillante.

Luiz, ao contrario, conservava, o sangue frio dos *Stoicos* ; via tudo, tudo o commovia seriamente, mas nada o alterava.

Apoz alguns momentos de observação e surpresa, elle disse essas palavras, apontando com gesto de commoção para uma linda rapariga que jazia desmaiada sobre um canapé :

Para os mais, a excepção d'esta, somos com todos os nossos esforços completamente inuteis. Sua morte é apparente, porque o que ella tem é talvez uma syncope, occasionada sem duvida por este desastrôso e horrivel acontecimento, aqual, aliás se pode mui provavelmente converter em uma morte real, não sendo prestes as providencias.

Por tanto, levemol-a, e apressemos-nos a prestar-lhe promptos soccorros.

Logo depois, ambos de commum acordo transportavam nos braços essa infeliz donzella, assim pallida e desmaiada para a casa do *Barão de...*, pai de Alvaro, que não distava muito do lugar em que se acabava de dar esta scena desgraçada de sangue e de morte.

Algum tempo depois de ter chegado á casa do *Barão*, ella tornou a si.

Seus primeiros movimentos só denotavam surpresa, mas depois foram dolorosa copia de uma mágoa acerba e verdadeira.

Ahi, no luxo e na opulencia da aristocracia encontrava zelo e assabilidade aquella infeliz donzella, orphã de pai e mai !

Sua saúde d'esse dia em diante ainda que debil não causou comtudo serios cuidados.

Julia (este era o seu nome) parecia inconsolavel da ausencia de seus charos pais, á despeito dos sentimentos de amisade e interesse por ella, traduzidos em doces consolações.

Amava a solidão, pouco fallava, trajava sempre de luto e com negligencia trazendo os cabellos soltos, cujo aseviche fazia mais realçar a encantadôra pallidez das faces.

Eis o que disse á respeito de si e dos seus, cedendo a rogativas de amisade da familia que lhe prestara acolhimento tão doce e salutar : « Cesar Pompêo, meu pai, foi por muito tempo capitão de um regimento na corte, ao qual pertencia desde sua mocidade. Depois chegando a velhice, resolveu vir para esta Provincia, sua terra natal, que amava muito. Eu quero, dizia elle muitas vezes, que quando meu velho corpo, extenuado pelos trabalhos da vida, descer a sepultura, seja a patria minha e de meus sempre lembrados antepassados, que lhe preste o extremo abrigo. Sollicitou a sua reforma ; e alcançando-a apressou-se em partir para cá com sua familia, que não era senão minha mäi, eu, sua unica filha, e alguns escravos.

Aqui viviamos apenas ha seis mezes, desconhecidos, mas unidos e felizes por uma doce e suave amisade, em uma modesta casa um pouco retirada da agitação da cidade.

Durante o dia, quando, para o exterior não o chamavam alguns affazeres, meu pai se occupava em tractar de um pequeno jardim e uma estreita horta, com um velho escravo, seu fiel companheiro desde a mocidade, que mui voluntariamente exercia os mais rudes trabalhos da cultura.

O bom Domingos, coitado !

Em quanto que meu pai assim trabalhava no exterior, o resto de sua familia trabalhava no interior.

A' noite, reuniamos-nos todos sob o mesmo tecto, onde não existiam os desasocegos e cuidados que dão as grandes riquezas, mas sim, a paz e a ventura, que a mediocridade passada virtuosamente á ninguem nega.